



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

VALCLECIA PEREIRA DA SILVA

**ENTRE SOLIDÃO E SOLITUDE: O ISOLAMENTO SOCIAL COMO
AUTOSSUFICIÊNCIA EM *WALDEN*, DE HENRY DAVID THOREAU**

**GUARABIRA - PB
2024**

VALCLECIA PEREIRA DA SILVA

**ENTRE SOLIDÃO E SOLITUDE: O ISOLAMENTO SOCIAL COMO
AUTOSSUFICIÊNCIA EM *WALDEN*, DE HENRY DAVID THOREAU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Estudos críticos de Literaturas Anglófonas

Orientador: Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto

**GUARABIRA - PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Valcécia Pereira da.
Entre solidão e solitude [manuscrito] : o isolamento social como autossuficiência em "*Walden*", de Henry David Thoreau / Valcécia Pereira da Silva. - 2024.
38 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Romantismo. 2. Transcendentalismo. 3. Solidão. 4. Solitude. I. Título

21. ed. CDD 810

VALCLECIA PEREIRA DA SILVA

ENTRE SOLIDÃO E SOLITUDE: O ISOLAMENTO SOCIAL COMO
AUTOSSUFICIÊNCIA EM *WALDEN*, DE HENRY DAVID THOREAU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento do Curso de Licenciatura em
Letras Inglês da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Estudos críticos de
Literaturas Anglófonas

Aprovada em: 10/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Waldir Kennedy Nunes Calixto
Prof. Waldir Kennedy Nunes Calixto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Auricélio Soares Fernandes
Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aline Oliveira do Nascimento
Profa. Ma. Aline Oliveira do Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 SOBRE O INDIVIDUALISMO E O SELF NO ROMANTISMO.....	4
3 O TRANSCENDENTALISMO NOS EUA NOS ANOS 1830.....	9
3.1 O transcendentalismo a partir de Natureza, de Emerson.....	12
4 SOBRE O POETA E CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA WALDEN.....	15
4.1 Walden: entre solidão e solitude.....	17
5 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

ENTRE SOLIDÃO E SOLITUDE: O ISOLAMENTO SOCIAL COMO AUTOSSUFICIÊNCIA EM *WALDEN*, DE HENRY DAVID THOREAU

Valclecia Pereira da Silva¹

RESUMO

A análise destaca a importância da solidão e da solidude, mostrando como esses temas contribuem para a reflexão pessoal e o bem-estar emocional. Em um mundo moderno agitado, a solidude é apresentada como um refúgio necessário para restaurar a paz interior e reconectar-se com a própria essência. A pesquisa tem como objetivo analisar os conceitos de solidão e solidude na obra *Walden ou A vida nos bosques* (2022), de Henry David Thoreau, investigando a associação da solidão com o isolamento negativo e da solidude como uma experiência positiva, bem como a relevância desses conceitos histórica e filosoficamente, e sua influência contemporânea. A abordagem adotada será exploratória e qualitativa, envolvendo uma leitura crítica da obra e a utilização de estudos de autores como Hannah Arendt (1989), Hans-Georg Gadamer (1988), Vanspanckeren (1994), Berthoumieu e El Makki (2019), entre outros. Além disso, são discutidos temas relacionados ao Romantismo e ao Transcendentalismo, explorando individualismo, espiritualidade, conexão com a natureza e autenticidade. Os resultados encontrados evidenciam a evolução positiva do individualismo e do *self*, a importância da solidão, solidude e da conexão com a natureza, e sua influência duradoura na cultura contemporânea, incentivando a reflexão pessoal e novas abordagens para os desafios atuais.

Palavras-Chave: Romantismo; Transcendentalismo; Solidão; Solidude.

¹ Graduanda em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: valclecia.pereiraa@gmail.com.

ABSTRACT

The analysis highlights the importance of solitude and loneliness, showing how these themes contribute to personal reflection and emotional well-being. In a hectic modern world, solitude is presented as a necessary refuge to restore inner peace and reconnect with one's essence. The research aims to analyze the concepts of solitude and loneliness in Henry David Thoreau's work *Walden or life in the woods* (2022), investigating the association of loneliness with negative isolation and solitude as a positive experience, as well as the historical and philosophical relevance of these concepts and their contemporary influence. The approach will be exploratory and qualitative, involving a critical reading of the work and the use of studies by authors such as Hannah Arendt (1989), Hans-Georg Gadamer (1988), Vanspanckeren (1994), Berthoumieu and El Makki (2019), among others. Additionally, themes related to Romanticism and Transcendentalism are discussed, exploring individualism, spirituality, connection with nature, and authenticity. The findings highlight the positive evolution of individualism and the *self*, the importance of loneliness, solitude, and connection with nature, and their enduring influence on contemporary culture, encouraging personal reflection and new approaches to current challenges.

Keywords: Romanticism; Transcendentalism; Loneliness; Solitude.

1 INTRODUÇÃO

Walden ou A vida nos bosques, obra escrita por Henry David Thoreau e publicada originalmente em 1854, é considerada um dos mais importantes clássicos da literatura norte-americana. O autor, um filósofo, poeta e naturalista, narra sua experiência ao escolher viver de forma simples e isolada em uma cabana às margens do lago Walden, em Concord, Massachusetts, durante um período de dois anos. Thoreau utiliza sua estadia em Walden como uma oportunidade para refletir sobre a sociedade e os valores humanos, buscando uma vida mais autêntica em harmonia com a natureza.

Thoreau questiona os valores da sociedade contemporânea, criticando a ênfase excessiva no materialismo e no consumo desenfreado. Além disso, *Walden* tem um caráter filosófico e político, explorando ideias de desobediência civil e resistência pacífica. O autor argumenta que é dever do indivíduo agir de acordo com sua própria consciência, mesmo que isso signifique entrar em conflito com as convenções sociais e as leis estabelecidas. Sua visão influenciou pensadores e movimentos sociais ao longo da história, incluindo Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr.

No contexto em que o Romantismo e Transcendentalismo se difundiram nos EUA (Estados Unidos da América) na primeira metade do século XIX, a obra de Thoreau se destaca pela abordagem dos conceitos de solidão e solitude. Seu objetivo é buscar uma vida mais simples e autêntica, em que a conexão com a natureza desempenha um papel fundamental. Assim, seja na Inglaterra ou nos EUA, outras obras abordavam a solidão e a busca por significado, tais como, *Frankenstein*, de Mary Shelley, e *Moby Dick*, de Herman Melville, que exploram a solidão do indivíduo em meio à sociedade e a busca por significado na vida.

Além de temas como a solidão, a solitude, a autossuficiência e a busca pela verdadeira essência do ser humano, *Walden* também levanta questionamentos profundos sobre o significado da vida, o propósito da existência humana e a relação entre o ser individual e a natureza. Thoreau reflete sobre a importância da solitude como um meio de se conhecer e se encontrar, e como a conexão com a natureza pode ser transformadora, despertando um senso de pertencimento e uma compreensão mais significativa do mundo. Ao promover uma reflexão intensa sobre esses temas, a obra desafia os leitores a repensarem suas próprias vidas e a considerarem alternativas mais significativas e autênticas para o seu modo de existir.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como intenção realizar uma análise dos conceitos de solidão e solitude presentes no texto biográfico *Walden*. Sendo assim, a hipótese

a ser investigada é que Thoreau associa a solidão ao sentimento de isolamento negativo, enquanto promove a solidão como uma experiência positiva. Também, vale destacar que usualmente existe um equívoco entre esses termos em algumas edições do livro, uma vez que a palavra "solitude" muitas vezes é traduzida como "solidão", o que pode acarretar um problema em sua compreensão. A edição usada nesta pesquisa será *Walden ou A vida nos bosques* (2022), da Editora Novo Século, traduzida por Henrique Guerra, que traz a tradução do termo solitude como usado originalmente por Thoreau.

No senso comum, geralmente há tendência em confundir esses conceitos, considerando-os como sinônimos. No entanto, esses temas possuem significados distintos; a solidão está relacionada ao sentimento de isolamento e falta de conexão com os outros, muitas vezes trazendo associações negativas. Por outro lado, a solidão refere-se à capacidade de estar em harmonia consigo mesmo, se sentir bem estando sozinho e aproveitar a solidão de maneira enriquecedora. Dessa forma, é essencial compreender essa distinção para uma análise mais precisa da obra. A tradução equivocada de ambos os conceitos pode comprometer a compreensão dos leitores e limitar a compreensão das experiências apresentadas pelo autor.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa se baseia na leitura e análise crítica do livro *Walden*, considerando os aspectos literários e filosóficos relacionados aos conceitos de solidão e solidão. Além disso, nos baseamos em estudos de autores como Hannah Arendt (1989), Hans-Georg Gadamer (1988), a fim de enriquecer a compreensão e a contextualização dos conceitos em estudo. Assim, a pesquisa sobre a obra de Thoreau poderá fornecer uma visão mais valiosa sobre a solidão e a busca da autossuficiência e a felicidade por meio da conexão consigo mesmo e com o ambiente natural.

Segundo Thoreau, a solidão é algo essencial, porém negativa, mas também que pode gerar reflexões profundas sobre a existência quando associada a algo positivo para o ser humano. Por outro lado, o autor destaca que a solidão permite uma conexão consigo mesmo e que a natureza pode influenciar nisso. Tais conceitos são distintos, mas, um complementa o outro, pois através da solidão pode-se chegar à solidão. A experiência de Thoreau na natureza o levaram a perceber que mesmo algo tão simples tem seu devido valor, basta saber apreciar.

A relevância desse estudo reside na crescente vivência da solidão, da busca pela liberdade individual e procura pelo estado de solidão na sociedade contemporânea. A obra de Thoreau proporciona uma perspectiva singular sobre essas temáticas, explorando a importância da natureza como facilitadora da conexão consigo mesmo e da busca pela autossuficiência. O que por si, gera uma certa curiosidade sobre o assunto, pois, ambos conceitos podem trazer o autoconhecimento e a reflexão a respeito do sentido da vida.

Ademais, a análise desses conceitos pode contribuir para reflexões acerca da importância da relação entre o ser humano e a natureza na sociedade, bem como para a compreensão das experiências de solidão e de solidão no contexto histórico e filosófico.

No desenvolvimento dessa pesquisa, algumas possíveis falhas e limitações podem ocorrer, como a falta de materiais de pesquisas disponíveis que possam ser relevantes. Assim, Fábio Durão (2020) aponta que:

Lidar com obras literárias apenas como meio de produção de conhecimento implica ignorar outras dimensões da experiência estética, como o prazer e a construção de vínculos intersubjetivos. Não adianta simplesmente tematizá-los, tornando a falta objeto. [...] a construção da objetividade necessita de um componente subjetivo forte; em outras palavras, sujeito e objeto não são tão nitidamente separáveis como nas ciências exatas (Durão, 2020, p.28).

Essa passagem destaca a importância de considerar múltiplas dimensões da experiência estética ao lidar com obras literárias, pois ressalta que, ao abordar textos literários apenas como fontes de conhecimento, perde-se a oportunidade de apreciar o prazer estético, ou seja, um momento em que o leitor entra em contato com a obra e vivencia sensações, emoções e reflexões através dela, indo além da leitura em si, podem ser proporcionadas por meio da construção de vínculos intersubjetivos entre a obra com outros leitores.

Em suma, a passagem nos convida a considerar que o estudo da literatura vai além da busca por conhecimento objetivo. Além disso, a subjetividade do leitor desempenha um papel fundamental na construção de significados e interpretações literárias, tornando a relação entre sujeito e objeto inseparável e complexa.

A metodologia a ser utilizada nessa pesquisa se realiza por meio de uma pesquisa básica, com o objetivo exploratório, que, conforme Silveira e Córdova (2009), “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (p. 35). A pesquisa também possui uma análise qualitativa, que, segundo Silveira e Córdova (2009) é um tipo de pesquisa que busca compreender e interpretar o fenômeno estudado a partir de uma perspectiva subjetiva.

Ainda, é realizada uma pesquisa a fim de proporcionar uma contextualização mais sólida da obra em estudo. A abordagem consiste na investigação da vida do autor e do contexto histórico em que a obra foi escrita e publicada. Contudo, almeja-se obter uma compreensão mais ampla e aprofundada dos conceitos de solidão e solidão presentes no livro *Walden*, bem como de sua relevância no contexto além do âmbito literário.

Os tópicos abordados nesta pesquisa trazem os seguintes temas: O primeiro aborda o Romantismo, tanto na Inglaterra quanto nos EUA, e sobre o conceito de *self*, que antes era associado ao egoísmo. Em seguida, temos o segundo tópico que discute sobre o transcendentalismo nos EUA durante os anos 1830 que explora esse movimento literário e filosófico. O terceiro tópico explora o transcendentalismo a partir da obra *Nature*² (1836), de Ralph Waldo Emerson. O quarto e último discute sobre Henry David Thoreau, poeta norte-americano nascido em Concord, Massachusetts, em 1817. Por fim, o último tópico explora a obra *Walden ou A vida nos bosques* (2022) de Thoreau, destacando como o autor aborda a diferença entre solidão e solitude.

Em suma, os tópicos discutidos nesta pesquisa oferecem uma visão abrangente e profunda sobre as ideias e os movimentos literários e filosóficos do Romantismo e do transcendentalismo, especialmente nos Estados Unidos. Ao explorar conceitos como individualismo, espiritualidade, conexão com a natureza e autenticidade, os textos analisados revelam não apenas a relevância histórica desses temas, mas também sua influência duradoura na cultura contemporânea. Através das obras de autores como Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau, somos convidados a refletir sobre a importância da natureza, da solitude e da busca interior, inspirando-nos a reconsiderar nossa relação com o mundo e com nós mesmos.

2 SOBRE O INDIVIDUALISMO E O *SELF* NO ROMANTISMO

O termo *self* (ou “eu”), que outrora carregava uma conotação negativa, sofreu uma redefinição no contexto do movimento romântico. Antes, a ideia de focar em si mesmo e nas próprias necessidades era vista como algo egoísta e negativo. No entanto, durante o movimento romântico, essa percepção foi reconsiderada e reavaliada de maneira mais positiva e resultou na criação de novas palavras compostas que carregam significados positivos e enfatizavam a valorização do indivíduo. Sendo assim, Vanspakeren (1994) adiciona: “O conceito “ser” (*self*) - que evocava egoísmo para gerações anteriores - foi redefinido. Surgiram novas palavras compostas, com significados positivos: “auto-realização” (*self-realization*), “auto-expressão” (*self-expression*) “auto-confiança” (*self-reliance*)” (p. 28).

Essa mudança de perspectiva reflete a ênfase crescente no indivíduo, na sua liberdade de expressão, no seu desenvolvimento pessoal e na sua capacidade de se sustentar por meio de suas próprias habilidades e recursos. Portanto, vê-se como o movimento romântico

² Natureza

influenciou a redefinição e a valorização do *self* como algo positivo e empoderador, em contraste às concepções anteriores que o associavam predominantemente ao egoísmo.

Segundo Ribeiro (2010, p. 5-6) o panorama cultural e histórico influenciou na configuração do Romantismo que se manifestou em cada nação, resultando em nuances e abordagens distintas. O seu início, por exemplo, ocorreu na Alemanha, disseminando-se posteriormente para Inglaterra durante o término do século XVIII e alvorecer do século XIX. A Revolução Industrial, com seu profundo impacto, incitou mudanças de âmbito social, econômica e ambiental na Inglaterra. O Romantismo frequentemente delineava os efeitos adversos da industrialização, explorando temáticas como a degradação ambiental, as condições de vida das classes laboriosas e a decadência dos valores tradicionais.

Na literatura inglesa, o período Romântico ganhava relevo a representação das questões ligadas à solidão e à solitude. O autor William Wordsworth destacou-se como o pioneiro desse movimento através da sua obra *Lyrical Ballads*, em que a poesia transparecia o desconhecido e a íntima ligação com a natureza. Outros poetas, como Lord Byron, Mary Shelley e John Keats, também exploraram tais conceitos nas suas criações, retratando personagens solitários que se encontravam em conflito com a sociedade, ansiando por uma conexão mais profunda com o seu eu e o mundo circundante.

Nas obras românticas, a solidão frequentemente se delineava como uma vivência dolorosa, caracterizada por uma sensação de isolamento e alienação. No entanto, essa experiência também era considerada uma fonte de inspiração e criatividade. Personagens solitários muitas vezes eram retratados como indivíduos sensíveis e dotados de uma profunda capacidade de introspecção, como se evidencia na obra *Frankenstein* de Mary Shelley. No romance, o protagonista, Victor Frankenstein, é um cientista solitário que se entrega à obsessão de criar vida a partir de restos humanos, resultando na criação do monstro, uma criatura solitária rejeitada por seu criador e pela sociedade, ela se vê sozinha e em busca de aceitação e compreensão.

No poema *I wandered Lonely as a Cloud* (2015), de William Wordsworth, a representação da solidão é notória, sendo enfatizada desde o título. A metáfora das nuvens, embora aluda à negatividade inerente à caminhada solitária, amplia a tristeza associada à solidão introduzida pela vaga caminhada solitária. O poema inicia com ênfase na solidão, mediante a comparação do orador a uma nuvem, agravando assim a melancolia resultante da jornada solitária

Entretanto, o estado de solidão experimentado pelo eu lírico é abruptamente interrompido ao deparar-se com uma cena de beleza e serenidade: “uma multidão de narcisos

dourados ao lado de um lago, dançando na brisa”(Wordsworth, 2015, p. 265). Neste contexto, a solidão inicial é substituída pela condição de solitude, caracterizada pela presença de um indivíduo em isolamento, porém em um estado de tranquilidade interior e em harmonia com a natureza. A transição de significado é ressaltada pela representação simbólica dos narcisos dourados, os quais evocam a beleza da natureza e a habilidade de encontrar contentamento e conexão mesmo em momentos de reclusão. Desta forma, no poema, a presença dos narcisos transforma a solidão inicial em uma experiência de solitude, na qual o eu lírico encontra conforto e inspiração por meio da contemplação do ambiente natural, como podemos ver abaixo:

Eu vaguei sozinho como uma Nuvem
Que flutua no alto de Vales e Colinas,
Quando de repente vi uma multidão,
Uma multidão de Narcisos dourados;
Ao lado do Lago, sob as árvores,
Vibrando e dançando na brisa.
(Wordsworth, 2015, p. 265, tradução nossa).³

O mencionado movimento literário e artístico, também se manifestou nos Estados Unidos, contudo, diferenciando-se do Romantismo europeu. Segundo Vanspanckeren (1994) “As ideias românticas giravam em torno da arte como inspiração, da dimensão estética e espiritual da natureza, das metáforas de crescimento orgânico. [...] Os Românticos salientaram a importância da arte expressiva para o indivíduo e sociedade” (Vanspanckeren, 1994, p. 28). Com tal premissa, questões relacionadas ao individualismo e ao *self* ganharam destaque, uma vez que a incessante busca pela identidade e introspecção interna se fazia constante.

Essa dimensão estética e espiritual da natureza se manifesta em obras de arte como pinturas, poesia e música, criadas pelos românticos desse período. A arte se consagrava como uma plataforma de expressão para vivenciar emoções profundas, explorar a subjetividade humana e transmitir uma verdade de caráter universal. Esses artistas enfatizavam a importância da arte expressiva tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. De acordo com a perspectiva romântica, a autoconsciência e o desenvolvimento pessoal figuravam como temáticas centrais. O autoconhecimento não era percebido como um ato de egocentrismo, mas sim como uma forma de aquisição de conhecimento que abria as portas do universo.

³Original: I wandered lonely as a Cloud
That floats on high o'er Vales and Hills,
When all at once I saw a crowd
A host of dancing Daffodils;
Along the Lake, beneath the trees,
Ten thousand dancing in the breeze. (Wordsworth, 2015, p. 265)

Nesse contexto, o movimento romântico encontrou um terreno propício na América, em particular na região da Nova Inglaterra, onde se encaixava harmoniosamente com os valores democráticos, o individualismo e a valorização do cidadão comum, inspirando os transcendentalistas da Nova Inglaterra, tais como, Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau e seus seguidores.

Emerson em seu ensaio *Self-reliance* (1908) explana como a sociedade pode obstruir o crescimento do indivíduo. Ele sustentou que a autossuficiência poderia conferir ao sujeito na sociedade a liberdade necessária para descobrir seu verdadeiro eu e alcançar a independência. Emerson defendia a tese de que o individualismo, a responsabilidade pessoal e a inconformidade eram essenciais para uma sociedade próspera. Contudo, ele sabia que para atingir esse nível de individualismo e compreensão, cada indivíduo precisaria empreender um esforço para aprimorar a si mesmo:

O que devo fazer é tudo o que me diz respeito, não o que as pessoas pensam. Esta regra, igualmente árdua na vida real e na vida intelectual, pode servir para toda a distinção entre grandeza e mesquinhez. É o mais difícil, porque você sempre encontrará aqueles que pensam que sabem qual é o seu dever melhor do que você. É fácil no mundo viver segundo a opinião do mundo; é fácil na solidude viver segundo a nossa; mas o grande homem é aquele que no meio da multidão mantém com perfeita doçura a independência da solidude (Emerson, 1908, p. 18-19).⁴

Emerson enfatiza a importância da autenticidade e da independência de pensamento, contrastando-a com a tendência humana de se conformar às expectativas externas. Ele sugere que a verdadeira grandeza reside na capacidade de discernir o próprio dever e segui-lo, mesmo quando confrontado com oposição ou críticas. Emerson destaca a dificuldade desse desafio, dada a propensão das pessoas a julgar e acreditar em saber o que é melhor para os outros. A metáfora da "independência da solidude" ressalta a ideia de manter a integridade pessoal e a autenticidade, mesmo em meio à influência da sociedade. Essa reflexão nos convida a considerar a importância de viver de acordo com seus próprios princípios e valores, em vez de ceder à pressão social ou às opiniões alheias.

Seja na Europa ou nos EUA, o indivíduo passou a ocupar um lugar de destaque, diferentemente de épocas anteriores, em que os valores coletivos e sociais eram mais enfatizados. Os românticos buscaram explorar as emoções e experiências subjetivas,

⁴ What must I do, is all that concerns me, not what the people think. This rule, equally arduous in actual and in intellectual life, may serve for the whole distinction between greatness and meanness. It is Reliance the harder, because you will always find those who think they know what is your duty better than you know it. \t It is easy in the world to live after the world's opinion; it is easy in solitude to live after our own; but the great man is he who in the midst of the crowd keeps with perfect sweetness the independence of solitude (Emerson, 1908, p. 18-19).

valorizando a expressão pessoal e a singularidade de cada indivíduo. Esse enfoque no *self* e na subjetividade contribuiu para uma visão mais ampla da solidão e da solidão. Eles exploraram as múltiplas facetas do *self* confrontando dilemas internos e buscando harmonia interna, porém muitos acreditavam que o *self* fosse fragmentado, sendo assim, a solidão oferecia um espaço para explorar tais facetas e contradições que permeiam tal conceito, para enfrentar os dilemas internos e reconciliar os aspectos conflitantes expressos pelo *self*. Era uma jornada de autodescoberta e autorreflexão, em busca de uma harmonia interna (Vanspanckeren, 1994).

No contexto romântico, a solidão deixou de ser vista apenas como um estado de isolamento físico e passou a ser compreendida como uma experiência emocional, profunda e introspectiva. Os artistas e escritores românticos exploraram a solidão como uma fonte de introspecção, criatividade e autodescoberta. Através da solidão, o indivíduo tinha a oportunidade de refletir sobre suas emoções e explorar sua identidade. Ela era vista como uma fonte de inspiração e uma forma de escapar das restrições da sociedade. Entretanto, diferente da solidão, a solidão não era uma escolha voluntária, mas uma intercorrência involuntária.

Além da solidão involuntária, a solidão também foi abordada no Romantismo como uma escolha consciente do indivíduo. Essa última percepção era vista como um momento de recolhimento e introspecção voluntária, em que o sujeito buscava se distanciar do mundo exterior e se conectar com sua essência interior ao mesmo tempo em que também buscava a sua individualidade. Essa busca pela solidão era muitas vezes associada à busca pela verdade, autenticidade e transcendência. Os escritores desse período procuravam se conectar consigo mesmos, longe das influências externas. Era um momento para mergulhar nas emoções, nas paixões e nas contradições do *self*, permitindo-lhes uma expressão livre e verdadeira que eram transmitidas através de seus escritos.

As ideias e representações provindas do Romantismo tiveram um impacto duradouro na cultura contemporânea, especialmente no que diz respeito à valorização do indivíduo e à importância da experiência subjetiva. A busca pela autenticidade, o culto ao *self* e a valorização da expressão emocional são elementos que podem ser rastreados até as raízes do Romantismo. Hoje em dia, ainda é possível encontrar reflexos dessas concepções românticas da solidão e da solidão na música, na literatura e nas artes visuais. Muitos artistas exploram esses temas, criando obras que evocam sentimentos de solidão e convidam o espectador a refletir sobre sua própria condição humana.

Sendo assim, no Romantismo, o individualismo e o *self* ganharam destaque e as questões de solidão e solidão têm sido vistas e representadas como partes intrínsecas da experiência humana. A literatura romântica desempenhou um papel fundamental na

representação dessas questões, retratando personagens solitários e explorando os diferentes aspectos da solidão e da solitude. As ideias e representações do Romantismo continuam a influenciar a cultura contemporânea, destacando a importância da individualidade, da introspecção e da expressão emocional.

3 O TRANSCENDENTALISMO NOS EUA NOS ANOS 1830

O transcendentalismo surgiu nos Estados Unidos durante os anos 1830 como uma resposta à crescente industrialização, ao racionalismo predominante e à religião formalizada. Constituído por nomes como Orestes Bronson, William Ellery Channing, Frederick Henry Hedge e Ralph Waldo Emerson (Tabordes, 2019, p. 4), este movimento literário e filosófico trouxe consigo uma ênfase na espiritualidade individual, na conexão profunda com a natureza e na busca por verdades interiores. Marcado por uma visão otimista da capacidade humana de transcendência e auto aperfeiçoamento, o transcendentalismo desafiou as normas sociais e literárias de sua época e foi fortemente influenciado pelas ideias do Romantismo europeu, bem como por filósofos como Immanuel Kant, com sua ênfase na intuição e na experiência subjetiva, contribuiu para a formação do núcleo filosófico do transcendentalismo. Emerson, por sua vez, emergiu como uma das principais figuras do movimento, articulando os princípios do transcendentalismo em seu ensaio *Nature* (1836) e *Self-reliance* (1841).

Nos Estados Unidos podemos destacar três movimentos sociais que foram cruciais nas tentativas de mudanças da sociedade: o movimento abolicionista, o movimento de temperança e o movimento pelo sufrágio feminino. Contudo, há um quarto movimento igualmente impactante que merece atenção especial - o movimento antiescravista. O transcendentalismo desempenhou um papel significativo na promoção do movimento antiescravista. Os transcendentalistas viam a escravidão como uma prática inerentemente errada, pois percebiam que ela não apenas prejudicava as vidas dos escravos, mas também obstruía seu desenvolvimento espiritual. Para eles, a escravidão era uma negação da individualidade e da conexão intrínseca de cada ser humano com o divino e a natureza, como afirmado por Manzari (2012):

A ênfase dos transcendentalistas na importância do indivíduo também foi revelada nas suas atitudes em relação à escravidão, na qual os escravos eram privados dos seus direitos básicos, incluindo o seu direito de escolha relativamente ao seu modo de vida. Para os transcendentalistas, incluindo Emerson, era inaceitável que um indivíduo pudesse comprar ou vender legalmente outro indivíduo e dominar

completamente a sua vida. Henry Thoreau e Waldo Emerson apoiaram a abolição da escravidão (Manzari, 2012, p. 1793).⁵

O movimento abolicionista foi crucial na luta contra a escravidão nos Estados Unidos, Manzari (2012) destaca a posição dos transcendentalistas, especialmente Emerson, Thoreau e outros, em relação à escravidão, ressaltando a forte convicção na importância do indivíduo e na defesa dos direitos humanos fundamentais. Para esses pensadores, a escravidão representava uma violação flagrante da liberdade individual e da dignidade humana, pois privava os escravos de seus direitos básicos e os colocava sob controle total de outros indivíduos. A abolição da escravidão era vista como uma questão moral imperativa, alinhada com os princípios transcendentalistas de autoconfiança, independência e respeito pela humanidade. O transcendentalismo enfatizava a importância do indivíduo e sua conexão intrínseca com o divino e a natureza, tornando inaceitável a ideia de um ser humano ser tratado como propriedade de outro.

Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau são dois dos mais notáveis transcendentalistas que apoiaram ativamente a abolição da escravidão. Emerson, através de seus ensaios e discursos, instigou a consciência moral e a necessidade de justiça, enquanto Thoreau é lembrado por seu famoso ensaio *Desobediência Civil*, no qual argumenta que é nosso dever moral resistir a leis injustas, como as leis de escravidão. Sobre isso, Manzari (2012) adiciona:

A reforma da sociedade através do aperfeiçoamento dos indivíduos a partir de dentro e não de fora através de meios externos, foi o que os transcendentalistas enfatizaram. As ideias que Thoreau propôs em seu ensaio foram estruturadas por meio de sua herança na Nova Inglaterra e dos acontecimentos de sua época (Manzari, 2012 p. 1793).⁶

Os transcendentalistas foram pioneiros em sua defesa dos direitos individuais e da justiça social, e sua luta contra a escravidão é um exemplo notável de como suas crenças filosóficas influenciaram diretamente a sua ação social. Eles não apenas apoiaram a importância do indivíduo, mas também aplicaram esses princípios à luta pela igualdade e liberdade de todos os seres humanos, independentemente de sua raça ou origem.

⁵ Original: The Transcendentalists' emphasis on the importance of individual was also revealed in their attitudes towards slavery in which the slaves were deprived of their basic rights including their right of choice regarding their way of living. For the Transcendentalists, including Emerson, it was unacceptable that an individual could be allowed to lawfully buy or sell another individual and dominate his life thoroughly. Henry Thoreau and Waldo Emerson supported the removal of the slavery (Manzari, 2012, p. 1793).

⁶ Original: The reform of the society through perfection of the individuals from within and not from without through external means, was what Transcendentalists emphasized. The ideas that Thoreau proposed in his essay had been structured through his New England heritage and the events of his time (Manzari, 2012, p. 1793).

Além disso, discussões de igualdade de gênero também desempenharam um papel significativo no movimento transcendentalista nos Estados Unidos durante o século XIX. Embora o movimento tenha sido em grande parte liderado por homens, as ideias transcendentalistas abriram espaço para uma reavaliação dos papéis de gênero e promoveram a participação ativa das mulheres na esfera intelectual e social. Margaret Fuller (1840) foi uma das figuras mais proeminentes do movimento transcendentalista e uma voz influente na promoção dos direitos das mulheres: "Os transcendentalistas publicaram por quatro anos a revista trimestral *The Dial*, editada inicialmente por Margaret Fuller e depois por Emerson. Esforços reformistas os inspiravam, além da literatura, tal periódico começa a ganhar reconhecimento e sucesso crescente" (Vanspanckeren, 1994, p. 29).

Fuller desempenhou um papel essencial como editora. No ano de 1843, através de seu amigo Emerson e imersa nas profundezas da filosofia que promovia a fé na inspiração individual, no poder da vontade e no direito intrínseco de todos, ela faz uma contribuição memorável para o jornal com seu artigo *The Great Lawsuit. Man versus Men. Woman versus Women*.

Esse ensaio, que mais tarde se transformaria no livro *Woman in the Nineteenth Century*, provou ser um marco não apenas em sua própria vida, mas também na história das mulheres, pois desafiou as normas da época e contribuiu significativamente para o movimento pelos direitos das mulheres. Esse trabalho impactante não apenas esgotou completamente a edição do jornal, mas também ecoou ao longo do tempo como um chamado à emancipação e à igualdade de gênero. Sobre isso, Voltolini (2019) afirma:

Outra obra de sua autoria interessante foi *The Great Lawsuit. Man versus Men. Woman versus Women*. Este ensaio, publicado pela primeira vez em *The Dial*, em 1843, é como um precursor do livro de Fuller, *Woman in the Nineteenth Century*. Nele, Fuller expressa sua raiva pela situação das mulheres, mais ou menos trabalhando para as reivindicações maiores que ela faz em seu livro alguns anos depois (Voltolini, 2019, p. 69).

No geral, o movimento transcendentalista, com suas ênfases na individualidade, espiritualidade e igualdade, criou um terreno fértil para a discussão e ação em prol dos direitos das mulheres nos Estados Unidos. As mulheres transcendentalistas não apenas participaram ativamente dessas discussões, mas também contribuíram significativamente para a evolução do movimento feminista no século XIX e além. Suas vozes e ideias moldaram o panorama social e literário da época, abrindo caminho para futuras conquistas em termos de igualdade de gênero e direitos das mulheres.

O transcendentalismo deixou um legado duradouro na cultura e na sociedade americanas. Seus princípios influenciaram não apenas a literatura e a filosofia, mas também o ativismo social e político. Por exemplo, as ideias de Thoreau sobre a *Desobediência civil* inspiraram líderes dos direitos civis, como Martin Luther King Jr. Além disso, o movimento transcendentalista ajudou a definir uma identidade cultural americana distinta, enfatizando a importância da natureza, da espiritualidade individual e da busca da verdade.

Mas é importante ressaltar que o transcendentalismo é um movimento multifacetado que se destaca por várias definições-chave. Entre essas caracterizações, destacam-se a ênfase na intuição e autoconfiança, em que os transcendentalistas acreditam que a verdade é alcançada por meio da confiança na sabedoria interior e da experiência direta, desafiando a autoridade estabelecida. Além disso, a conexão profunda com o ambiente natural é uma característica fundamental, com a natureza sendo vista como uma manifestação da divindade, e a interação com ela sendo essencial para a busca da verdade e da espiritualidade. A individualidade também é um pilar central do transcendentalismo, uma vez que cada indivíduo é visto como possuindo uma centelha divina que o conecta a todas as coisas, refletindo uma profunda ênfase na singularidade de cada ser humano (Mariano, 2023).

3.1 O transcendentalismo a partir de *Natureza*, de Emerson

Ralph Waldo Emerson, nascido em Boston, Massachusetts, em 25 de maio de 1803, pertencia a uma família com uma longa linhagem de ministros religiosos na Nova Inglaterra, o que influenciou significativamente sua educação e espiritualidade. Desde jovem, sua calma e discernimento excepcionais chamavam a atenção de seus colegas na escola e mais tarde em Harvard, onde ingressou aos 14 anos. Como afirmado por Edna Henry Lee Turpin (1867-1952) em um ensaio biográfico, "Emerson parece nunca ter sido verdadeiramente um garoto". (p. 49) "Ele sempre exibiu serenidade e reflexão, deixando uma impressão marcante em todos que o conheciam" (Turpin, 2022 apud Santos, 2015, p. 49).

De acordo com Vanspankeren (1994), a filosofia de Emerson tem sido aparentemente contraditória, pois ele evitava construir uma estrutura lógica, preferindo a intuição e flexibilidade. Em seu ensaio *Self-Reliance* (1841), Emerson critica a consistência tola, considerando-a como um obstáculo para mentes pequenas. Apesar disso, ele é consistentemente defensor do individualismo americano baseado na natureza. Suas ideias centrais, como a necessidade de uma nova visão nacional e a importância da experiência pessoal, são sugeridas em sua obra inicial, *Nature* (1836).

Conforme observado por High (2006 apud, Santos, 2015, p. 51) a obra *Nature* enfatiza a relevância da natureza na vida humana, assim como sua relação prejudicial com a humanidade, que a sujeita a maus-tratos e destruição. Isso aponta para uma atitude inapropriada, destacando a falta de consciência ambiental que persiste apesar dos esforços recentes para conservar e proteger o meio ambiente. Desde o século XIX, os transcendentalistas têm sido defensores fervorosos da natureza, encontrando nela a possibilidade de os seres humanos viverem de acordo com seus verdadeiros propósitos (Santos, 2015, p.51).

Os transcendentalistas acreditavam que a natureza não era apenas um ambiente físico, mas também uma fonte de inspiração e sabedoria espiritual. Para eles, a natureza era um espelho da alma humana e uma via para alcançar a transcendência. A natureza era um símbolo divino, e sua contemplação permitia que os indivíduos vislumbrassem a presença de Deus na criação: “o movimento era baseado na crença fundamental na unidade entre Deus e o mundo. A alma de cada indivíduo era considerada idêntica ao mundo - um microcosmo do próprio mundo” (Vanspanckeren, 1994, p. 28).

Emerson expressou essa conexão de maneira eloquente em seu ensaio *Nature*. O autor argumentou que a natureza era um símbolo divino, e sua contemplação permitia que os indivíduos vislumbrassem a presença de Deus na criação. Ele instigou as pessoas a abandonarem a rotina diária e a mergulharem na natureza, onde poderiam encontrar paz, renovação e uma compreensão mais profunda de si mesmas. Nesse sentido, o autor afirma que:

Nossa era é retrospectiva. Constrói sepulcros aos antepassados. Escreve biografias, histórias e criticismo. As gerações anteriores olhavam Deus e a natureza cara a cara; nós o fazemos através de seus olhos. Por que não desfrutaríamos também de uma relação original com o universo? Por que não haveríamos de ter uma poesia e uma filosofia que sejam fruto de nossa própria descoberta e não da tradição, e uma realidade que nos seja revelada, em lugar de ser a história daquela que foi revelada a eles? Respaldados por um tempo em meio à natureza, cujos transbordantes fluxos de vida nos rodeiam e permeiam, e incitados pelos poderes que nos fornece para atuar em harmonia com ela, por que exumar os ossos secos do passado e submeter essa geração a um baile de máscaras tiradas de seu armário velho? O sol brilha também hoje. Há ainda lã e linho nos campos. Há novas terras, novos homens, novas ideias. Permitam que busquemos nossas próprias obras e leis e cultos (Emerson, 2011, p.7)

Emerson destaca a ideia de que o encanto encontrado na natureza não é inerente a ela, mas sim uma manifestação da harmonia entre a natureza e o ser humano. Ele adverte sobre a necessidade de utilizar esses prazeres naturais com moderação, uma vez que a natureza pode mudar sua aparência e refletir estados de espírito variados, sugerindo que a percepção da

natureza é subjetiva e influenciada pelo estado emocional do indivíduo. Em momentos de tristeza ou perda, até mesmo a paisagem mais bela pode parecer desprovida de valor. Portanto, em seu ensaio ele enfatiza a interação complexa entre a natureza e as emoções humanas, ressaltando como a natureza é percebida de maneira diferente de acordo com o estado interior do observador:

Mas o poder de produzir esse encanto não reside na natureza, sem dúvida, senão no homem ou na harmonia de ambos. É preciso fazer uso desses prazeres com grande moderação; pois a natureza nem sempre se disfarça com roupa de festa, e a mesma cena que ontem perfumava e reluzia como para que dançassem as ninfas, hoje está coberta de melancolia. A natureza tem sempre as cores do espírito. Para um homem acometido pela calamidade, o calor de sua própria lareira seria em si mesmo triste. Há também uma espécie de desprezo pela paisagem, o que sente aquele que acaba de perder um amigo querido, e então o céu já não é tão vasto e nem tão valiosa é a população sobre a qual se estende (Emerson, 2011, p.11).

Emerson ainda expressa uma profunda conexão com a beleza da natureza e sua capacidade de inspirar um sentimento de proximidade e admiração. Ele se descreve como “o amante de uma beleza incontível e imortal” (Emerson, 2011, p.11), enfatizando sua atração pela natureza selvagem em contraste com ambientes urbanos. A paisagem tranquila e a vasta linha do horizonte são mencionadas como lugares onde o ser humano encontra algo tão sublime quanto sua própria essência. O autor destaca a capacidade da paisagem de proporcionar uma sensação de proximidade espiritual e harmonia com o ambiente natural, sugerindo que a contemplação desses cenários tem o poder de elevar a alma humana: “Nos lugares silvestres, encontro algo mais caro e próximo a mim do que nas ruas ou povoados. Na paisagem tranquila e, especialmente, na distante linha do horizonte, o homem contempla algo tão belo como sua própria natureza” (Emerson, 2011, p.11). Portanto, se faz notório a profunda ligação entre o indivíduo e o meio ambiente, ressaltando a beleza e a transcendência que podem ser encontradas na contemplação da paisagem natural.

Dessa forma, o transcendentalismo é um movimento que enfatiza a intuição, a espiritualidade individual e a conexão profunda com o mundo natural. *Nature*, de Emerson, exemplifica esses princípios, destacando a importância da experiência direta do ambiente e a confiança na sabedoria interior. Embora o transcendentalismo tenha evoluído ao longo do tempo e incluído diversas interpretações, a obra de Emerson continua sendo um marco significativo na história literária e filosófica dos Estados Unidos, encapsulando muitos dos ideais desse movimento.

4 SOBRE O POETA E CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA *WALDEN*

Henry David Thoreau nasceu em Concord, Massachusetts, nos Estados Unidos, em 12 de julho de 1817. De acordo com Frazão (2018) sua criação ocorreu no seio de uma família de descendência francesa protestante, e em 1837, ele concluiu sua graduação na Universidade de Harvard. Após essa etapa, retornou a Concord, sua cidade natal, onde estabeleceu uma duradoura e próxima amizade com o escritor Ralph Waldo Emerson. Foi nesse período que ele teve seu primeiro contato com alguns dos principais pensadores transcendentalistas, embora suas próprias convicções frequentemente diferissem das ideias do grupo (Frazão, 2018).

Conforme observado por Berthoumieu e El Makki (2019), em 30 de agosto de 1837, Thoreau concluiu seus estudos em Harvard, obtendo oficialmente seu diploma, embora tenha optado por não ir buscá-lo imediatamente. Os anos que passou na universidade proporcionaram-lhe conhecimento, mas também deixaram uma sensação contraditória. Ele recusou-se a pagar os cinco dólares necessários para adquirir o diploma, pois considerava que esse papel não tinha um valor essencial em seus olhos. Seu verdadeiro interesse residia em "viver profundamente e sugar o tutano da vida" (Thoreau, 2022, p. 125), e ele estava decidido a afastar-se do caminho convencional das profissões liberais.

De volta à casa de seus pais, com uma determinação inabalável e um amor profundo, David Henry Thoreau tomou uma decisão significativa: inverter a ordem de seus prenomes, tornando-se Henry David Thoreau. Essa mudança não foi explicada por ele, mas pode ter sido sua maneira de afirmar sua própria identidade e escolher o homem que desejava ser, em vez de se rebelar contra seus pais.

De acordo com as análises de Berthoumieu e El Makki (2019), as ideias fundamentais da primeira palestra de Thoreau, intitulada "Society" e proferida em 11 de abril de 1838, provavelmente foram esboçadas no sótão da casa de seus pais, onde Thoreau residia na época. Nessa conferência, Thoreau desenvolveu uma profunda reflexão sobre o papel do ser humano na sociedade, não hesitando em enfatizar seus argumentos com observações perspicazes, também lançou dúvidas sobre a própria ideia de "sociedade", argumentando que era ilusória acreditar que os seres humanos eram verdadeiramente companheiros uns dos outros. Em sua visão, o homem não nasce inserido na sociedade, ele apenas chega ao mundo, e só depois, por meio de rituais sociais como apertos de mão ou interações superficiais, ele se integra a ela. Thoreau criticou a máscara que as pessoas usavam na sociedade, raramente revelando sua verdadeira essência.

Para Thoreau, era crucial que as pessoas não permitissem que a sociedade as arrastasse como ondas, mas que se mantivessem como uma faixa de terra firme, resistindo às correntes, permitindo que a maré alta da primavera fosse a única força capaz de alcançá-las:

Não permitam que a sociedade seja o elemento no qual vocês nadam ou no qual vocês são carregados à mercê das ondas, sejam antes uma faixa de terra firme que avança mar adentro, com a base diariamente lavada pelas ondas mas cujo topo só pode ser atingido pelas grandes marés da primavera (Thoreau, 1838, p. 52 apud Berthoumieu; El Makki, 2019, p. 29).

Thoreau, em outro trecho do seu ensaio *A Desobediência Civil*, argumenta que os indivíduos têm o dever moral de desobedecer a leis injustas do governo: “todo mundo reconhece o direito à revolução; ou seja, o direito de repudiar a submissão e resistir ao governo, quando a sua tirania e ineficiência são imensas e insuportáveis” (Thoreau, 2022, p. 22). Sua crença na resistência civil não violenta influenciou muitos movimentos de protesto ao longo da história, incluindo o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos e a luta contra a opressão em todo o mundo

De acordo com as autoras Berthoumieu e El Makki (2019), a frase "Andei muito por Concord" encapsula de forma apropriada a vida de Thoreau; elas percorrem pela sua história e expõe Thoreau como um aventureiro tranquilo e um peregrino incansável, cujas jornadas eram paradoxalmente marcadas por uma certa imobilidade. Ao longo de sua existência, sua ambição singular era alcançar os confins das trilhas na floresta, navegar pelos rios de sua cidade e passear pelas falésias da Nova Inglaterra. Concord era seu mundo, seu continente pessoal, sua ilha deserta e seu oceano explorado incessantemente. Quanto mais ele explorava os arredores, mais intensa se tornava sua vontade de se estabelecer ali.

Em 1845, Thoreau tomou a decisão de se instalar em uma modesta cabana que construiu com suas próprias mãos nas margens do lago Walden. Ali, ele dedicou dois anos de sua vida com o propósito de simplificar seu modo de viver e se dedicar à contemplação da natureza, além de escrever suas profundas reflexões. Foi a partir dessa experiência que ele deu vida a sua famosa obra *Walden ou A Vida nos Bosques*. Neste livro, ele narra sua experiência de viver de forma simples e próxima à natureza.

A decisão de Thoreau de se retirar para os bosques, narrada no segundo capítulo de sua obra, foi motivada pelo desejo de viver de forma deliberada, confrontando apenas os aspectos essenciais da vida. Ele buscava aprender as lições profundas que a vida tinha a oferecer, em vez de perceber, ao final de seus dias, que não havia realmente vivido. Ele rejeitava a vida que não era autêntica e resistia à resignação, a menos que fosse absolutamente

inevitável. Thoreau ansiava por uma existência vigorosa e espartana, em que apenas o essencial prevalecesse, eliminando tudo o que não era verdadeiramente vital:

Vim morar na mata porque eu quero viver ponderadamente, encarar só os fatos essenciais da vida e ver se consigo aprender o que ela tem a ensinar, para não descobrir, no dia da minha morte, que eu não vivi. Não quero viver o que não é vida, viver é tão prazeroso; nem quero praticar a resignação, a menos que seja absolutamente necessário. Quero viver profundamente e sugar todo o tutano da vida, viver de forma tão vigorosa e espartana a ponto de destruir tudo o que não é vida (Thoreau, 2022, p.125).

Seu retiro para uma cabana nas margens do Walden, mesmo após considerar diversas fazendas na região, representou sua busca por pertencer à natureza, onde a conexão com o local era mais significativa do que a propriedade material. Sua recompensa residia no prazer incomensurável de trabalhar com as próprias mãos e dever apenas a si mesmo, refletindo a concentração de suas melhores faculdades na vida simplificada junto à natureza. Sua decisão de se afastar da política e buscar um estilo de vida mais simples nos bosques pode ter sido influenciada por vários fatores, como seu comprometimento com o transcendentalismo, conselhos de Emerson e, talvez, as decepções pessoais que experimentou.

4.1 *Walden*: entre solidão e solitude

A solidão, é frequentemente descrita como uma experiência subjetiva de desconexão social, na qual um indivíduo percebe um déficit de relacionamentos significativos ou sente-se isolado emocionalmente. Ela não está necessariamente ligada à quantidade de interações sociais, mas, “está associada à falta de contatos humanos significativos e ao esvaziamento do sentido dos vínculos” (Lima, 2013, p. 79). A solidão pode surgir de diversas situações, como a perda de entes queridos, mudanças importantes na vida, falta de intimidade emocional ou socialização limitada.

A solidão tem sido amplamente estudada como um fenômeno psicológico com repercussões significativas na saúde mental e física. De acordo com Barroso, Oliveira e Andrade (2019), a solidão "é um fator de risco para a depressão, ideação e comportamento suicida, bem como para uma variedade de outros resultados psicológicos e fisiológicos negativos e déficits cognitivos e declínio cognitivo acelerado" (p. 2). Esta citação evidencia a gravidade das consequências associadas à solidão, ressaltando seu impacto adverso em múltiplas dimensões do bem-estar humano.

Nesse contexto, a solidão pode gerar sentimentos de tristeza, ansiedade, baixa autoestima e até mesmo depressão. A natureza da solidão pode ser temporária ou crônica,

dependendo da situação específica e da capacidade do indivíduo de lidar com a falta de conexão social. A percepção e a experiência da solidão são altamente subjetivas, influenciadas por fatores individuais e contextuais que determinam a resposta emocional de cada pessoa à ausência de interação social significativa. A solidão também pode ser percebida de maneira diferente por cada pessoa, sendo que algumas podem valorizar e até buscar momentos de solidão, enquanto outras podem sentir-se profundamente afetadas por ela.

Do ponto de vista teórico, a solidão é muitas vezes considerada um fenômeno complexo, influenciado por fatores individuais, sociais e culturais. Pesquisadores frequentemente estudam a solidão para compreender melhor seus efeitos na saúde mental e física, bem como desenvolver estratégias para lidar com ela de forma eficaz. Diante disso, Rodrigues (2018) adiciona:

Têm sido estudados diversos fatores protetores e fatores de risco para a solidão. Como fatores protetores identificam-se, designadamente, o casamento, a educação superior e o maior rendimento económico. Como fatores de risco identificam-se, nomeadamente, contactos pouco frequentes com amigos e família, uma rede social reduzida, o viver sozinho, a insatisfação com as condições de vida, a incapacidade, o stress laboral, o conflito familiar ou marital, as relações de baixa qualidade, o divórcio e a viuvez. Verifica-se maior prevalência de solidão no sexo feminino, diferença que se reduz após ajustamento para variáveis de confundimento como viuvez, depressão, problemas de mobilidade, idade, educação e rede social (Rodrigues, 2018, p.2).

Sendo assim, vemos que há diversos fatores protetores e de risco associados à experiência de solidão. Entre os fatores protetores estão o casamento, a educação superior e o maior rendimento económico, enquanto os fatores de risco incluem contatos pouco frequentes com amigos e família, viver sozinho e a insatisfação com as condições de vida. Observa-se uma maior prevalência de solidão entre mulheres, embora essa diferença diminua após ajustes para variáveis como viuvez, depressão e rede social. Essas descobertas sugerem a importância de abordagens que promovam o fortalecimento das relações sociais e o suporte emocional, especialmente entre os grupos mais vulneráveis, para lidar com a solidão.

Quando a escolha de estar só em solidão é consciente e voluntária podemos chamá-la de solidão e ela pode ser um espaço de crescimento pessoal e desenvolvimento emocional, desde que seja vivenciada de forma equilibrada e saudável. É importante distinguir entre solidão e isolamento social forçado, sendo que a solidão, pode ser uma escolha consciente e positiva, enquanto o isolamento que remete a solidão muitas vezes é imposto e pode causar sofrimento. Entretanto, estar sozinho em solidão não significa algo necessariamente negativo, pois pode proporcionar momentos de autoconhecimento, reflexão e tranquilidade, sendo uma

oportunidade “para a reintegração de si mesmo e depois retomar a ligação com os outros” (Lima, 2013, p.80), e “recarregar” energias.

A solidão é frequentemente definida como o estado de estar deliberadamente sozinho, sem sentir solidão ou desconexão social. A solidão pode ser vista como um tempo valioso para reflexão e concentração, permitindo que o indivíduo se reconecte consigo mesmo e encontre significado em sua própria companhia. Sobre isso, Rokach afirma que:

Pessoas solitárias não necessariamente estão sozinhas. Estar sozinho é a realidade objetiva de estar geograficamente isolado de outros. Essencialmente, os dois estados podem ser mutuamente exclusivos, pois alguém pode estar sozinho e não se sentir solitário. Recordar memórias passadas, devanear e planejar uma viagem são exemplos de estar sozinho sem necessariamente se sentir solitário (Rokach, 2023, p. 46).⁷

Essa distinção entre estar sozinho e sentir-se solitário é importante porque destaca que a solidão não é apenas uma questão de circunstâncias externas, mas também de percepção e experiência interna. Uma pessoa pode estar rodeada de outras pessoas e ainda assim desfrutar da sua solidão, enquanto outra pode estar fisicamente isolada e sentir-se solitária. A solidão pode ser um momento de reflexão, autodescoberta e crescimento pessoal, oferecendo a oportunidade de se reconectar consigo mesmo e com o que é importante. É uma condição que pode ser vivida de maneira positiva e construtiva, proporcionando um espaço para a criatividade, a contemplação e o autoconhecimento.

Hannah Arendt (1989) e Hans-Georg Gadamer (1988) abordam a distinção entre solidão e solidão de maneiras diferentes em seus escritos. No contexto da filosofia de Arendt (1989), se destaca que a solidão é uma das experiências fundamentais de cada vida humana, sendo assim, podemos associá-la à solidão, pois para chegar a ela devemos passar pela solidão. Em suas palavras, ela evidencia que: “a solidão é, ao mesmo tempo, contrária às necessidades básicas da condição humana e uma das experiências fundamentais de toda vida humana” (Arendt, 1989, p. 528). Ela reconhece que a solidão vai de encontro à natureza social dos seres humanos, que têm a necessidade de se relacionar com os outros.

A autora explora a diferença entre estar só e estar em solidão, argumentando que quando uma pessoa está só, ela pode estar em companhia de si mesma, falando consigo mesma. Nesse sentido, ela afirma:

⁷ Lonely people are not necessarily alone. Being alone is the objective reality of being geographically isolated from others. Essentially, the two states can be mutually exclusive, as one can be alone and not lonely. Recalling past memories, daydreaming, and planning a trip are all examples of being alone while not necessarily being lonely (Rokach, 2023, p. 46).

O homem só, ao contrário, está desacompanhado e, portanto, "pode estar em companhia de si mesmo", já que os homens têm a capacidade de "falar consigo mesmos". Em outras palavras, quando estou só, estou "comigo mesmo", em companhia do meu próprio eu, e sou, portanto, dois-em-um; enquanto, na solidão, sou realmente apenas um, abandonado por todos os outros (Arendt, 1989, p. 528).

Essa capacidade de se conectar consigo mesmo e de se envolver em um diálogo interno é o que diferencia a solidão da solitude. Na solidão, a pessoa se sente abandonada por todos os outros, enquanto na solitude ela está verdadeiramente em companhia do seu próprio eu. Assim, a solidão pode ser vista como um ponto de partida para se alcançar a solitude, em que a pessoa se encontra consigo mesmo e mergulha em um estado de autodescoberta e autorreflexão.

Gadamer (1988), estabelece uma distinção fundamental entre solidão e solitude, destacando suas nuances emocionais e existenciais. Para Gadamer, a solidão é descrita como uma experiência de perda, na qual o indivíduo se sente desamparado pelos outros e percebe a ruptura do vínculo de proximidade emocional e social. Segundo ele, "solidão é uma experiência de perda e solitude é uma experiência de renúncia. A solidão é sofrida – na solitude, algo está sendo buscado" (Gadamer, 1988, p. 104)⁸. Essa distinção enfatiza que, enquanto a solidão é caracterizada pela sensação de falta e vazio, no qual a conexão com os outros é perdida. Por outro lado, a solitude é uma escolha ativa de estar sozinho, muitas vezes buscando algo, como autodescoberta, reflexão ou criatividade. Enquanto a solidão é imposta e dolorosa, a solitude é voluntária e pode ser enriquecedora.

Além disso, Gadamer observa que "o que se perde na [solidão] é a proximidade com os outros" (Gadamer, 1988, p. 101)⁹. Nesse sentido, vemos que a solidão resulta na ausência de conexão emocional e social com outras pessoas. A proximidade e a intimidade que normalmente se experimentam nos relacionamentos humanos são perdidas na solidão, o que pode levar a sentimentos de isolamento e desamparo.

Embora haja essa distinção entre a solitude e a solidão, ambos os filósofos reconhecem a existência de uma relação íntima entre esses conceitos. A solitude pode se transformar em solidão quando perdemos a proximidade com outros indivíduos e, simultaneamente, o *self*. Essa relação de implicação entre solitude e solidão é vista como um problema por Arendt, especialmente no contexto da solidão totalitária. Ela argumenta que o isolamento das pessoas foi fundamental para o surgimento do totalitarismo no século XX (Arendt, 1989, p. 527 -

⁸ Loneliness is an experience of loss and solitude is an experience of renunciation. Loneliness is suffered – in solitude something is being sought for (Gadamer 1988, p. 104).

⁹ What is lost in [loneliness] is nearness to others (Gadamer 1988, p. 101).

528). Os regimes autoritários, como o nazismo e o stalinismo, promoviam a exclusão e a supressão de qualquer forma de conflito ou pensamento crítico.

Com base nessas perspectivas, compreendemos que a solidão implica uma sensação de isolamento e perda de conexão com os outros, ao passo que a solidude pressupõe a habilidade de estar em harmonia consigo mesmo, em busca de uma compreensão interna e uma relação harmoniosa com o mundo. A solidão é considerada como um estado indesejável de isolamento e vista como um problema, pois implica a perda da proximidade com o outro, enquanto a solidude é valorizada como um momento de recolhimento e autodescoberta proporcionando a reflexão e a busca por autenticidade. Dessa forma, tais perspectivas nos mostram que a solidão e a solidude possuem significados distintos e podem ser vivenciadas de maneiras diferentes.

Walden nos convida a refletir sobre a vida, a natureza e a busca pela verdadeira essência da existência. Dois capítulos em particular, o segundo e o quinto, "Onde vivi, e com quais metas de vida" e "Solitude", respectivamente, destacam-se por abordarem temas como simplicidade, autenticidade e a experiência da solidão que se transforma em solidude.

No segundo capítulo, Thoreau (2022) apresenta uma série de reflexões profundas sobre sua decisão de viver na natureza, longe dos padrões convencionais da sociedade. Neste capítulo, ele explora a ideia de viver deliberadamente e de forma simplificada, em busca de uma vida mais significativa e autêntica.

Ao longo do capítulo, Thoreau (2022) descreve sua experiência de solidão junto ao lago Walden. Ele vive em uma modesta cabana, rodeado pela natureza, e encontra conforto e inspiração na simplicidade de sua vida solitária. Ele declara: "A vista de minha porta é ainda mais limitada, mas não me sinto nem um pouco confinado ou esmagado. Há pasto suficiente para minha imaginação" (Thoreau, 2022, p. 121). Percebe-se aqui a profunda conexão do autor com a natureza e como ele a utiliza como fonte de inspiração e enriquecimento pessoal. Thoreau encontra na solidude uma fonte de conforto e inspiração. Ele não se sente confinado ou oprimido pela sua solidão, pois encontra na natureza um refúgio para sua mente e alma. A metáfora do pasto sugere que, assim como o pasto alimenta os animais, a natureza nutre a sua imaginação e o seu espírito. Assim, a solidude de Thoreau junto ao lago Walden não é uma experiência de solidão negativa, mas sim um estado de conexão íntima consigo mesmo e com o mundo ao seu redor.

Para Thoreau, a natureza não é apenas um cenário ou um ambiente externo, mas um elemento essencial para a construção e o sustento do seu *self*. Ela não o faz sentir-se só, pois proporciona uma conexão profunda com algo maior e mais duradouro do que a própria

existência humana, tornando-se uma fonte de significado e inspiração constantes em sua vida, ele encontra todo o sustento emocional, espiritual e criativo na natureza.

Além disso, destaca-se aqui a diferença entre solidão, que muitas vezes é associada à sensação de isolamento e confinamento, e solitude, que é a capacidade de desfrutar da própria companhia e encontrar riqueza interior mesmo na ausência de outros. Thoreau (2022) demonstra sua capacidade de encontrar riqueza e inspiração mesmo em um ambiente aparentemente modesto, enfatizando a importância da perspectiva e da imaginação na busca pela felicidade.

Sua escolha consciente de se isolar na natureza, longe das distrações e influências da sociedade, reflete não apenas uma aceitação da solitude, mas também um desejo profundo de explorar sua própria essência e as verdades fundamentais da existência. Ao optar por viver sozinho, Thoreau não foge da solidão, mas sim a abraça como uma oportunidade para se reconectar consigo mesmo e com o mundo ao seu redor de uma maneira mais autêntica e significativa. Essa decisão voluntária de buscar a solitude mostra sua determinação em viver uma vida deliberada e plena, onde a introspecção e a contemplação são valorizadas como caminhos para o crescimento pessoal e espiritual.

Para Thoreau (2022), cada novo dia traz consigo a oportunidade de viver com maior simplicidade e autenticidade. Ele afirma: "Cada manhã é um alegre convite para dar à minha vida uma simplicidade, e posso dizer uma inocência, iguais às da própria Natureza" (Thoreau, 2022, p. 122). Essa visão otimista e renovadora ressalta a importância de abraçar a natureza como modelo de pureza e integridade, buscando alinhar nossas vidas com os ritmos naturais do mundo ao nosso redor.

O autor também reflete sua busca por uma vida significativa, vivida de forma consciente e autêntica. Ao escolher viver na natureza, ele busca os aspectos essenciais da existência, rejeitando o superficial e o trivial. O autor se compromete a viver vigorosamente, buscando extrair toda a essência da vida e rejeitando a resignação passiva diante dela. Sua filosofia destaca a importância de viver com propósito e significado, lembrando-nos da necessidade de uma vida autêntica e deliberada. Sobre isso, ele destaca:

Vim morar na mata porque eu quero viver ponderadamente, encarar só os fatos essenciais da vida e ver se consigo aprender o que ela tem a ensinar, para não descobrir, no dia da minha morte, que eu não vivi. Não quero viver o que não é vida, viver é tão prazeroso; nem quero praticar a resignação, a menos que seja absolutamente necessário. Quero viver profundamente e sugar todo o tutano da vida, viver de forma tão vigorosa e espartana a ponto de destruir tudo o que não é vida (Thoreau, 2022, p. 125).

Thoreau opta por viver na mata com o objetivo de experimentar a vida de forma plena, enfrentando apenas os aspectos essenciais. Para ele, a resignação não é uma prática desejável, a menos que seja estritamente necessário. Essa atitude revela uma busca pela vivacidade, pelo vigor e pela intensidade da existência, buscando extrair dela o máximo proveito. A resignação é vista como uma renúncia prematura à vida real, uma aceitação passiva dos desafios e das circunstâncias, algo que o autor prefere evitar a todo custo. Em vez disso, ele deseja absorver completamente a essência da vida, vivendo de forma tão enérgica e despojada a ponto de eliminar tudo o que não contribui para essa vivência autêntica.

A presença da natureza exerce uma influência profunda na experiência de solidão de Thoreau. Para ele, estar imerso na natureza não significa apenas estar fisicamente sozinho, mas sim estar em comunhão com um ambiente que é vivo, dinâmico e cheio de significado. A natureza oferece a Thoreau uma companhia silenciosa e reconfortante, que transcende a solidão humana e preenche seu ser com uma sensação de plenitude e conexão. Ao observar a beleza e a harmonia do mundo natural, Thoreau encontra inspiração para reflexão, contemplação e autoconhecimento. Assim, a presença da natureza não apenas ameniza a solidão de Thoreau, mas também a transforma em uma experiência enriquecedora e profundamente significativa em que sua solidão se transforma em solidão, pois ele é capaz de viver sozinho e não se sentir solitário.

Thoreau (2022) critica a mentalidade frenética e consumista da sociedade moderna, questionando: "Por que viver com tanta pressa e tanto desperdício de vida?" (Thoreau, 2022, p. 127). Ao nos confrontarmos com essa indagação, somos instigados a refletir sobre o ritmo acelerado de nossas vidas e sobre como podemos buscar uma existência mais significativa e gratificante. Thoreau (2022) nos encoraja a abandonar a busca incessante por mais coisas e a encontrar a verdadeira abundância na simplicidade e na contemplação. Ao adotarmos uma abordagem mais consciente e deliberada em relação ao nosso modo de vida, podemos descobrir uma sensação renovada de plenitude e contentamento, mesmo nas coisas mais simples e cotidianas.

Walden oferece uma reflexão sobre a importância da simplicidade, da autenticidade e da contemplação na busca pela verdadeira felicidade e realização. Thoreau (2022) nos lembra da importância de viver deliberadamente, de abraçar a natureza como guia e de questionar as convenções da sociedade em nossa jornada em direção a uma vida mais significativa e plena. Ele nos convida a repensar nossas prioridades e a valorizar o essencial, destacando que a verdadeira riqueza está na conexão com o mundo natural e com nossa essência interior. Ao

nos desapegarmos das distrações e das superficialidades do mundo moderno, podemos encontrar um sentido mais profundo de propósito e harmonia, vivendo em harmonia com nós mesmos e com o universo ao nosso redor.

No capítulo cinco intitulado "Solitude", o autor apresenta uma perspectiva única sobre o tema, destacando a importância e os benefícios de estar sozinho. Através de suas reflexões, Thoreau (2022) nos convida a repensar nossa relação com a solidão e a valorizar os momentos de introspecção e contato com nós mesmos.

A solidão é uma experiência universal que pode ser tanto desafiadora quanto profundamente transformadora. Em meio à agitação da vida moderna, muitos de nós nos deparamos com momentos de isolamento emocional, uma sensação de desconexão que nos envolve mesmo quando estamos rodeados por outras pessoas. No entanto, é importante distinguir entre solidão e solitude, pois enquanto a primeira evoca um sentimento de vazio e desamparo, a segunda nos convida a apreciar a companhia de nós mesmos e do mundo ao nosso redor.

Como observou Henry David Thoreau em suas reflexões sobre a natureza humana e a relação com o ambiente natural, há uma beleza serena na solitude encontrada na companhia da natureza. Em suas palavras:

Porém, às vezes, sinto que a companhia mais doce e terna, mais inocente e encorajadora, pode ser encontrada em qualquer item da Natureza, até mesmo por um triste misantropo e a mais melancólica das criaturas. Quem habita no seio da Natureza com os sentidos aguçados evita esse tipo de melancolia. [...] Nada nesse mundo pode justificadamente mergulhar uma pessoa singela e valente numa tristeza vulgar (Thoreau, 2022, p.173).

Essa citação ressoa com a ideia de que a natureza, em sua grandeza e simplicidade, oferece uma companhia que transcende as complexidades da interação humana. A beleza natural nos lembra de nossa conexão com algo maior do que nós mesmos, convidando-nos a contemplar a grandeza do universo e nossa humilde posição dentro dele.

É importante reconhecer que a solitude não é exclusivamente reservada para aqueles que se retiram para as profundezas da natureza. Mesmo em meio à agitação da vida urbana, podemos encontrar momentos de paz e quietude que nos permitem reconectar com nós mesmos. Pode ser uma caminhada tranquila em um parque da cidade, alguns momentos de meditação em um jardim comunitário ou simplesmente contemplar o pôr do sol em um telhado. Onde quer que estejamos, a natureza está sempre presente, oferecendo seu conforto silencioso a todos que estão dispostos a recebê-lo.

Em um mundo cada vez mais interconectado, é fácil sucumbir à ilusão de que a solidão é algo a ser evitado a todo custo. No entanto, ao abraçar a solidão e buscar a companhia serena da natureza, descobrimos uma fonte inesgotável de conforto, inspiração e cura. Como Thoreau tão eloquentemente expressou, a verdadeira tristeza não reside na ausência de companhia humana, mas sim na perda da conexão com o mundo natural que nos rodeia.

Em um trecho o autor menciona sua relação com o mundo que o rodeia, afirmando que, apesar de estar sozinho, ele possui seu próprio universo particular: "eu tenho meu próprio sol, lua e estrelas, e um mundinho só para mim" (Thoreau, 2022, p. 173). Essa afirmação evidencia a capacidade do ser humano de encontrar significado e companhia na própria solidão, ao se conectar com o mundo ao redor e consigo mesmo. Ao reconhecermos a nossa capacidade de encontrar significado e plenitude na solidão, percebemos que estamos sempre acompanhados por nós mesmos e pela vastidão daquilo que o mundo nos oferece, a natureza, por exemplo, nos acolhe e nos proporciona um espaço para reflexão e crescimento pessoal.

Ao longo do texto, Thoreau (2022) relata que, inicialmente, questionou se a convivência com vizinhos seria essencial para uma vida serena e saudável. Ele reconhece que, nas primeiras semanas após se isolar na cabana, sentiu-se tentado a buscar companhia, mas logo percebeu uma "suave alteração em seu humor" e se recuperou (Thoreau, 2022, p. 174). Assim vemos a capacidade da solidão de proporcionar um estado de tranquilidade e autoconhecimento, que muitas vezes não é possível alcançar na agitação do convívio social constante.

A sociedade moderna muitas vezes nos empurra para uma constante interação social, tornando a solidão algo raro e até mesmo mal compreendido. No entanto, momentos de solidão podem ser incrivelmente benéficos para nossa saúde mental e emocional. Ao nos permitirmos estar sozinhos, podemos refletir sobre nossos pensamentos e emoções mais profundas, ganhando uma maior clareza sobre nossos desejos, valores e propósitos na vida. Além disso, a solidão pode nos ajudar a desenvolver um maior senso de empatia e compaixão pelos outros. Quando nos afastamos do ruído e da agitação do mundo exterior, somos capazes de nos conectar de forma mais autêntica com as pessoas ao nosso redor, valorizando verdadeiramente a presença e a companhia delas.

Portanto, é importante compreender que a solidão não é necessariamente um estado negativo a ser evitado, mas sim uma oportunidade para nos reconectarmos com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor de uma maneira mais significativa e profunda. Como Thoreau sugere, a natureza pode ser uma aliada poderosa nesse processo, oferecendo-nos uma

companhia genuína e inspiradora que pode nos guiar em direção a uma vida mais plena e consciente.

Sendo assim, Thoreau ressalta a distinção entre a condição de estar sozinho e a sensação de solidão, sustentando que, em sua perspectiva, a solidão é um estado saudável e acolhedor: “Como é saudável ficar sozinho a maior parte do tempo! Estar acompanhado, mesmo com as melhores companhias, logo se torna cansativo e desgastante. Amo estar sozinho. Nunca socializei com alguém tão sociável quanto a solidão” (Thoreau, 2022, p. 178).

No entanto, é importante observar que, embora a tradução utilizada possa apresentar "solidão" como "solidão", no texto original em inglês, a terminologia permanece como *solitude*.

Essa visão contrasta com a ideia comum de que a solidão é algo a ser evitado, demonstrando que, para Thoreau (2022), ela é uma escolha consciente e gratificante, o que remete à *solitude*. Essa compreensão da solidão como uma fonte de conforto e renovação emocional nos leva a refletir sobre a importância de momentos de recolhimento e introspecção em meio à agitação da vida moderna. Ele nos convida a valorizar esses momentos de solidão que se transformam em *solitude*, como oportunidades para nos conectarmos conosco mesmos, explorarmos nossos pensamentos mais profundos e encontrarmos paz interior. Ao abraçarmos a *solitude* como uma aliada, podemos descobrir uma riqueza de experiências e significados que enriquecem nossa jornada pessoal.

Thoreau (2022) ressalta que a verdadeira *solitude* não pode ser medida pela distância física entre uma pessoa e suas companhias: "Não se mede a *solitude* em quilômetros de espaço entre alguém e suas companhias" (Thoreau, 2022, p. 179). Ele sugere que a *solitude* vai além da simples ausência de outras pessoas, sendo mais uma questão de estado mental e emocional. Para Thoreau, a verdadeira *solitude* é uma escolha consciente de se distanciar das distrações externas e se voltar para dentro de si mesmo, em busca de autoconhecimento e paz interior. Nesse sentido, estar sozinho não é sinônimo de solidão, e a presença ou ausência de outras pessoas não determina necessariamente o sentimento de estar acompanhado ou isolado. O que importa, segundo Thoreau, é a capacidade de estar em paz consigo mesmo, independentemente das circunstâncias externas.

Sendo assim, o capítulo cinco de *Walden ou A vida nos bosques* nos convida a repensar nossa relação com a solidão, mostrando que ela pode ser uma fonte de inspiração, introspecção e crescimento pessoal. Ao se desconectar do mundo exterior, podemos nos conectar mais profundamente com nós mesmos e com a natureza, encontrando, assim, uma companhia doce e benéfica na *solitude*. Thoreau (2022) nos lembra que a solidão não precisa

ser encarada como um estado de isolamento ou tristeza, mas sim como uma oportunidade para nos redescobrirmos e renovarmos nossas energias ao ponto de transformarmos a solidão em solitude. Nesse sentido, a solitude pode ser vista como um momento sagrado de autoconhecimento e de encontro com nossa essência mais profunda. Ao aceitarmos a solidão como parte natural da vida, abrimos espaço para experiências enriquecedoras e para um maior entendimento de nós mesmos e do mundo ao nosso redor.

Ambos os capítulos apresentam reflexões profundas sobre a vida, a natureza, a solidão e a solitude. Através das experiências e pensamentos de Thoreau, somos convidados a repensar nossas próprias vidas e valores. Thoreau nos lembra da importância de vivermos de forma autêntica e deliberada, buscando simplicidade e significado em meio à agitação do mundo moderno. Através de suas experiências na cabana às margens do lago Walden, Thoreau nos ensina a apreciar os momentos simples da vida e a encontrar significado na introspecção e na conexão com o ambiente natural.

Ao escolher viver isolado em meio à natureza, Thoreau não apenas encontra paz e inspiração, mas também descobre uma nova compreensão de si mesmo e do mundo ao seu redor. Sua solitude não é um estado de solidão, mas sim uma oportunidade para crescimento pessoal e conexão profunda com a natureza. Além disso, a solitude para Thoreau não o isola do mundo, mas o conecta mais profundamente a ele. Ele se torna mais consciente dos ciclos da natureza, das mudanças das estações e da interconexão de todas as formas de vida. Essa consciência o leva a apreciar a beleza e a complexidade do mundo natural de uma maneira mais profunda e significativa.

Através da leitura desses capítulos, Thoreau nos desafia a questionar nossas próprias vidas e escolhas, incentivando-nos a buscar uma existência mais autêntica e significativa. Sua mensagem ressoa com relevância até os dias de hoje, lembrando-nos da importância de desacelerar, refletir e apreciar a beleza simples da vida. Através das palavras de Thoreau, somos inspirados a encontrar a nossa própria versão de *Walden*, um espaço interior onde podemos nos reconectar com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor. Ao reconhecermos a beleza e a serenidade da solitude, descobrimos uma fonte de força, inspiração e renovação que nos permite enfrentar os desafios da vida com coragem e serenidade.

5 CONCLUSÃO

Em síntese, esta pesquisa é de extrema importância tanto para o âmbito pessoal quanto para o contexto mais amplo do mundo contemporâneo. Ao examinar minuciosamente a

evolução do individualismo e do *self* durante os períodos do Romantismo e do transcendentalismo, destacamos não apenas a transformação desses conceitos de negativos para positivos, mas também sua influência duradoura em diversas esferas da sociedade. Ao compreendermos como esses movimentos redefiniram e valorizaram o eu como algo positivo e capacitador, somos levados a refletir sobre nossa própria identidade e trajetória pessoal.

Além disso, este trabalho destaca a importância de temas como solidão, solitude e conexão com a natureza. Em um mundo cada vez mais frenético e interconectado, a reflexão sobre a solidão e a busca pela solitude tornam-se cruciais para nossa saúde mental e bem-estar emocional. A valorização da natureza como espaço de reflexão e conexão nos lembra da importância de preservar e apreciar nosso ambiente natural, não apenas como um recurso vital, mas também como um refúgio para restaurar nossa paz interior e encontrar inspiração.

No contexto mais amplo, este estudo contribui para uma compreensão mais profunda da cultura contemporânea e da forma como percebemos o mundo ao nosso redor. Os legados do Romantismo e do transcendentalismo continuam a ressoar em diversas formas de arte e filosofia, convidando-nos a refletir sobre a complexidade da experiência humana e a importância de nos conectarmos com nossa essência interior. Além disso, ao compreendermos como esses movimentos influenciaram a forma como nós nos vemos a nós mesmos e ao mundo, somos incentivados a explorar novas perspectivas e abordagens para os desafios e questões contemporâneos. Em suma, este estudo não apenas enriquece nosso conhecimento sobre o passado, mas também nos inspira a olhar para o futuro com uma visão mais ampla e crítica.

Em última análise, este trabalho nos convida a repensar nossa relação com nós mesmos e com o mundo ao nosso redor. Ele nos lembra da importância de buscarmos a verdade e a autenticidade em nossas vidas e de encontrarmos na solitude um espaço de paz e reflexão em meio à agitação do mundo moderno. A solidão, longe de ser encarada como um estado negativo, é apresentada como uma oportunidade valiosa para nos reconectarmos com nossa essência e refletirmos sobre nossas experiências e valores. A reflexão solitária pode nos ajudar a encontrar clareza mental e emocional, permitindo-nos tomar decisões mais conscientes e alinhadas com nossos verdadeiros desejos e propósitos.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Origens do totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. [s.l.] Editora Companhia das Letras, 1989.

BARROSO, S. M.; OLIVEIRA, N. R. DE; ANDRADE, V. S. DE. **Solidão e Depressão: Relações com Características Pessoais e Hábitos de Vida em Universitários**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, 2019.

BERTHOUMIEU, M.; EL MAKKI, L. **Henry David Thoreau**. Tradução: Julia da Rosa Simões. 1. e d. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

EMERSON, R. W. **The Essay on self-reliance**. [s.l.] East Aurora, N.Y. : the Roycrofters, 1908. Disponível em: <<https://archive.org/details/selfrelianceessay00emerrich/page/18/mode/2up> > Acesso em: 23 fev 2024

EMERSON, R. W. **Natureza - A Bíblia do Naturalista**. Tradução: Davi Araújo. 1ª edição ed. [s.l.] Editora Dracaena, 2011.

FONSECA, J. G. T. DA. O cultivo de si e o individualismo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 328–344, 1 ago. 2009.

FRAZÃO, D. **Biografia de Henry David Thoreau**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/henry_david_thoreau/ >. Acesso em: 26 jan. 2024.

GADAMER, H.-G. Isolation as a Symptom of Self Alienation. In *Praise of Theory. Speeches and Essays*. **New Haven & London: Yale University Press**. , p. 101–113, 1988.

LIMA, R. DE. Ser feliz sozinho? - Uma reflexão sobre a solidão e a solidude em nossa época. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 12, n. 143, p. 78–83, 2 abr. 2013.

MANZARI, A. Contextual American Transcendentalism. **Theory and Practice in Language Studies**, v. 2, n. 9, 1 set. 2012.

MARIANO, M. **O que é : Transcendentalismo na Filosofia - Estoico Viver**. Disponível em: <https://estoicoviver.com/glossario/o-que-e-transcendentalismo-na-filosofia/#google_vignette >. Acesso em: 26 jan. 2024.

RIBEIRO, R. A. O. DA S. **Romantismo: contextualização histórica e das artes**. Disponível em: <<https://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/656>>. Acesso em: 26 jan. 2024.

RODRIGUES, R. M. Solidão, Um Fator de Risco. **Revista Portuguesa de Clínica Geral**, v. 34, n. 5, p. 334–338, 1 set. 2018.

ROKACH, A. **Is it Loneliness or Solitude?** [s.l.] Acta Scientific Clinical Case Reports, 17 fev. 2023. Disponível em: <<https://actascientific.com/ASCR/pdf/ASCR-04-0412.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2024.

SANTOS, R. A. DOS. **Romances rebeldes - a tradição de rebeldia na literatura norte-americana: de Moby Dick a On the road**. Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara -SP, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127865/000846739.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2023.

SOUSA, M. L. M. DE. Romantismo Inglês : Uma Interpretação. **run.unl.pt**, p. 7–23, 1980.

SPURR, B. “The Bliss of Solitude”: The Poetry and Poetics of Being Alone. **Literature & Aesthetics**, v. 23, n. 2, 2013.

TABORDES, I. F. A ARTE DO DESPERTAR: UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE THOREAU. **Revista Seara Filosófica (online)**, v. 19, p. 292–304, 2019.

THOREAU, H. D. **Walden Ou a Vida Nos Bosques**. Tradução: Henrique Guerra. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2022a. p. 416

THOREAU, H. D. **A desobediência civil**. Tradução: Henrique Guerra. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2022b. p. 96

VANSPANCKEREN, K. **Perfil da literatura americana**. Tradução: Márcia Biato. s.l.: Agência de Divulgação dos Estados Unidos da América, 1994.

VOLTOLINI, D. **Literatura Norte-Americana**. [s.l.] Uniasselvi, 2019. Disponível em: <<https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=78622>>. Acesso em: 16 fev. 2024.

WORDSWORTH, W. **I Wandered Lonely as a Cloud** by **William Wordsworth** | **Poetry Foundation**. Disponível em:

<<https://www.poetryfoundation.org/poems/45521/i-wandered-lonely-as-a-cloud>>. Acesso em: 6 out. 2023.

WORDSWORTH, W.; GILL, S. **William Wordsworth**. New York: Oxford University Press, 2010.